

COLANDO HISTÓRIAS, ABRINDO HORIZONTES: O ÁLBUM LITERÁRIO COMO PONTE PARA O LETRAMENTO E O ENCANTAMENTO PELA LEITURA

Mônica Aparecida de Santana ¹

Maria Rita Soares Diniz ²

Ana Caroline de Almeida ³

RESUMO

Este trabalho analisa, pela pesquisa-ação, o projeto didático “Álbum de Figurinhas”, realizado no PIBID Alfabetização com uma turma do 3.º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública rural de São João Del Rei. A proposta consistiu na criação de um álbum de figurinhas a partir de leituras literárias feitas pelos alunos em casa, envolvendo as famílias, incentivando o gosto pela leitura, o vínculo afetivo com os livros e a ampliação do repertório textual e linguístico das crianças. O estudo investiga como práticas pedagógicas planejadas com intencionalidade favorecem o engajamento com a leitura literária e a formação de leitores. Fundamenta-se na Pedagogia dos Multiletramentos e na perspectiva discursiva da alfabetização de Ana Luiza Smolka. O projeto nasceu da escuta atenta às necessidades e interesses das crianças, configurando-se como uma proposta lúdica e interativa, alinhada aos princípios do letramento e da alfabetização. A implementação buscou incorporar literatura de qualidade, promovendo o aprendizado da leitura e da escrita e o desenvolvimento do letramento literário. A pesquisa baseou-se em observações, registros e análises das atividades, considerando as percepções dos alunos, da professora regente e das pibidianas. Os resultados indicaram aumento significativo do interesse e da participação nas práticas de leitura. A professora ressaltou o crescimento do repertório literário da turma. Para as pibidianas, a experiência possibilitou planejar e aplicar propostas e vivenciar a rotina docente concreta, fortalecendo o vínculo com os alunos, que se mostraram receptivos e curiosos. Essa vivência reafirmou a importância de manter o estudante no centro do planejamento pedagógico, tomando seus interesses como ponto de partida para práticas significativas e transformadoras.

Palavras-chave: LETRAMENTO LITERÁRIO; ALFABETIZAÇÃO; PESQUISA-AÇÃO.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João Del – Rei - UFSJ, Mooh7678454@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João Del – Rei – UFSJ, mariaritasoares892@gmail.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ e coordenadora de área do PIBID – Alfabetização na UFSJ. E-mail: ana.caroline@ufsj.edu.br





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, mooh7678454@gmail.com

²Doutora pelo Curso de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, ana.caroline@ufsj.edu.br;

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ, mariaritasoares892@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A alfabetização tem sido um foco constante de atenção para as políticas públicas educacionais, pesquisas e práticas docentes ao longo dos anos. Com a pandemia da COVID-19, os desafios relacionados ao ensino inicial da leitura e da escrita se intensificaram; contudo, esse período também impulsionou um uso mais efetivo das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) pelas escolas. Pesquisas recentes, como as desenvolvidas pelo grupo Alfarede (ALMEIDA; MACEDO, 2022), evidenciam que, quando acessíveis às crianças, as TDICs podem se tornar importantes aliadas no processo alfabetizador.

Nesse cenário, o subprojeto PIBID–Alfabetização da UFSJ foi proposto com o objetivo de aliar o ensino da linguagem escrita e o uso de TDICs, valendo-se das relações de crianças e pibidianas com a cultura digital contemporânea. Para isso, tem buscado fundamentos na Pedagogia dos Multiletramentos (2021), ainda pouco discutida na formação inicial de professores, mas essencial diante da multiplicidade de linguagens do século XXI. O conceito de multiletramentos, proposto pelo New London Group reconhece a emergência de práticas multimodais e multissemióticas que se articulam às culturas contemporâneas e às diversas formas de produção de sentidos para se pensar o trabalho com a língua na escola. Essa perspectiva é urgente desde a alfabetização, ainda marcada por práticas tradicionais que restringem a leitura e a escrita ao código verbal.

Assim, o trabalho desenvolvido no PIBID- Alfabetização entende a criança como produtora de sentidos, articulando suas culturas de referência – populares, locais e midiáticas – com movimentos pedagógicos que vão da prática situada, ao enquadramento crítico e à prática transformada. Esse processo se articula à pesquisa-ação, que orienta nossa atuação coletiva, colaborativa e dialógica, organizada num ciclo contínuo de planejar–agir–refletir–replanejar. Esses pressupostos estão em diálogo ainda com o que propõe Paulo Freire: a reflexão crítica





sobre a prática constitui o núcleo da prática pedagógica, compondo a formação docente e possibilitando a transformação da realidade.

É nesse contexto teórico-conceitual que se insere o projeto “Álbum de Figurinhas”, desenvolvido com uma turma do 3.º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública rural

parceira do PIBID. A proposta inicial, criada pela professora regente da turma e aplicada pela primeira vez em 2024, consistia na elaboração de um álbum a partir de leituras literárias realizadas em casa pelas crianças, em diálogo com as famílias. Os bons resultados obtidos motivaram sua retomada em 2025. Com as discussões coletivas no PIBID, o projeto foi ressignificado, recebendo ênfase na mediação de leitura e na produção de resenhas, ampliando sua contribuição para a formação leitora.

Nesse movimento, tornou-se central dialogar com o conceito de Letramento Literário (COSSON, 2006), entendido como a capacidade de ler e escrever literatura, reconhecendo-se como parte de um sistema cultural e estético. Ao integrar linguagem verbal, elementos visuais e práticas lúdicas – como no próprio álbum de figurinhas – o projeto aproximou literatura e multiletramentos, despertando prazer estético, engajamento e protagonismo infantil. As oficinas de resenha reforçaram esse percurso ao colocar o aluno como produtor de um gênero social e crítico, consolidando práticas de leitura e escrita mais amplas, multimodais e reflexivas.

METODOLOGIA: A PESQUISA-AÇÃO

A pesquisa-ação, que ampara o PIBID - Alfabetização se caracteriza como uma abordagem que rompe a distância entre teoria e prática, superando o modelo tradicional de investigação científica que privilegia a objetividade e a independência do pesquisador. Nesse sentido, a pesquisa-ação constitui-se como um processo dinâmico que integra investigação e pré compreensão em etapas indissociáveis. Franco (2005) a define como uma prática eminentemente pedagógica, promotora de emancipação e formação contínua dos sujeitos, concebida como um mosaico de abordagens que articulam participação, mudança social e produção de saberes, o que só se torna possível quando pesquisa e ação caminham em conjunto. Dentro dessa perspectiva, alinhamos especialmente com o conceito de pesquisa-





ação colaborativa, que nasce de uma necessidade identificada pelo grupo, com o pesquisador atuando de forma conjunta e sistematizadora.

No âmbito do PIBID, nossa ação é coletiva, dialógica e comunicativa, surgindo da interação entre nós, pibidianas-pesquisadoras e participantes (crianças e professora regente),

em um processo baseado na confiança, no consenso e na partilha de saberes, de modo que atuamos simultaneamente como cientistas e sujeitos implicados no processo, sem abdicar de uma postura ética.

No caso do projeto implementado “Álbum de figurinhas”, destacamos que foi marcado por revisões e reinvenções constantes ao longo do seu desenvolvimento, em consonância com o que aponta Tripp (2005), para quem a pesquisa-ação é uma tentativa sistemática e fundamentada de aprimorar continuamente a prática, já que a aplicação do plano de ação revelou novos desafios e a necessidade de ajustes em cada etapa, conferindo ao processo um caráter autoavaliativo e colaborativo. Essa dinâmica se materializou na alternância entre a ação em campo e a reflexão investigativa sobre ela, num ciclo contínuo de planejamento, execução, monitoramento e avaliação.

A etapa inicial de observação, realizada no âmbito do PIBID – Alfabetização, revelou o forte interesse dos alunos do terceiro ano pela literatura, uma vez que, mesmo em curtos intervalos, dirigiam-se espontaneamente à biblioteca em busca de livros. Essa constatação orientou a formulação do problema central da pesquisa e a construção do primeiro plano de ação do projeto “Álbum de Figurinha”. A proposta previa que os alunos sorteiassem um livro entre um conjunto de 24 obras selecionadas pela professora e, com o apoio dos pais, realizassem a leitura em casa. Após devolverem o livro lido, deveriam realizar uma atividade complementar ou cumprir desafios relacionados à obra. A cada leitura e atividade concluídas, recebiam uma figurinha correspondente à capa do livro, o que gerou grande entusiasmo.

A escolha inicial dos 24 livros foi feita de forma aleatória, sem critérios relacionados à qualidade literária ou à adequação à faixa etária. As obras foram organizadas em três níveis — “Fácil”, “Médio” e “Difícil” — classificação definida apenas pela quantidade de palavras que cada livro continha. Esse critério evidenciou uma visão limitada sobre a infância, partindo da ideia de que determinadas obras seriam “difíceis” para as crianças exclusivamente por terem mais texto, desconsiderando outros aspectos importantes da leitura. Ainda assim, foi notória a motivação da turma em completar o álbum: os alunos torciam uns pelos outros,





partilhavam descobertas feitas nas leituras, colaboravam entre si e se desafiavam a avançar, desenvolvendo um verdadeiro “espírito de copa”.

As atividades propostas buscavam avaliar o grau de compreensão leitora, aproximar os estudantes de gêneros textuais multimodais e, ao mesmo tempo, proporcionar diversão. A

implementação do projeto, apesar de bem-sucedido, trouxe à tona novos desafios e o processo de autoavaliação do projeto levou o grupo a refletir sobre um novo problema identificado: a necessidade de mitigar o caráter de competição que o projeto gerou entre os alunos. Além disso, percebemos que o letramento literário poderia ser mais bem trabalhado na própria escola, bem como o foco poderia ser num gênero textual apenas: a resenha.

Compreendemos que a literatura é mais do que uma ferramenta pedagógica, e pode ser uma experiência transformadora e com base nessa concepção sobre o poder formativo dos textos literários, estruturamos a segunda etapa do projeto, com foco na mediação das obras e oficinas de resenha. O objetivo dessa mudança não foi apenas resolver o desafio identificado, mas também trazer um aprofundamento ao projeto, atribuindo à literatura a sua função principal e à resenha a sua função social de instrumento de indicação literária.

A segunda etapa do projeto começou então com uma seleção de obras literárias, focada em apresentar às crianças literatura de qualidade dos mais variados temas. Para iniciar nossa seleção literária tomamos como base de estudo as discussões e textos da Prof. Dr. Mônica Correia Baptista, especialmente o artigo “Livros de literatura para a primeira infância: a questão da qualidade” que nos levou a refletir sobre cada livro, em quais aspectos deveríamos considerar para garantir a qualidade de uma obra e como aproximar as crianças dessa arte. Considerando que a nova fase do projeto teria duração de quatro semanas e visava completar o álbum de figurinhas, a seleção dos livros e a definição da duração dessa nova fase foram os passos subsequentes após o levantamento feito. E entendendo melhor quais os critérios deveríamos considerar para levarmos livro de qualidade, foram escolhidos os livros “Coelho mal” de Jeanne Willis, “Os Pombos” de Blandina Franco, “A Árvore Generosa” de Shel Silverstein, “O Convidado de Raposela” de Alex T. Smith, “Hoje Não Quero Bananas” de Sylviane Donnio, “Procura-se lobo” de Ana Maria Machado e “Folhas” de Stephen Michael King. Essas obras foram utilizadas nas três primeiras semanas, acompanhadas da mediação





das histórias pelas pibidianas. Após cada leitura, realizavam-se as chamadas “oficinas”, momentos em que os alunos ~~construíam coletivamente~~ sentidos sobre a obra, trocavam impressões sobre os livros e, com a mediação das pibidianas, produziam resenhas.

AS OBRAS E A PRODUÇÃO DE RESENHAS: MULTILETRAMENTOS EM JOGO

Na primeira semana, com o livro “Coelho mal”, após a mediação e abordagem do tema na roda de conversa, tivemos avanços com as discussões sobre o gênero textual resenha. Conversamos sobre as possibilidades de gêneros para indicação literária; surgiram algumas possibilidades, mas como os alunos já trabalhavam com o gênero textual carta, essa foi a forma que mais apareceu como possibilidade de indicação de livros a alguém; então uma aluna foi a escriba e os alunos todos construíram coletivamente uma recomendação para a turma do 2º ano, por meio de uma carta. Ainda não era uma resenha, mas um movimento de aproximação com o gênero. Mais tarde, a turma que recebeu a carta respondeu, agradecendo a recomendação e então, aproveitamos o momento para falar mais especificamente sobre a resenha, como um gênero textual mais apropriado à recomendação literária.

Conversamos sobre a resenha, realizando uma aula introdutória, levando exemplos de resenhas de livros já conhecidos por eles. Ainda nessa semana, seguimos o projeto com o livro “Hoje não quero bananas” e então retomamos a conversa anterior sobre resenha e propusemos nossa primeira escrita de resenha coletiva, escolhendo digitá-la no computador, buscando incorporar novos suportes e novas mídias ao trabalho com a língua escrita (ROJO, 2012).

Na semana seguinte, iniciamos com o livro “O convidado de Raposela”, novamente com a mediação, roda de conversa e nossa resenha coletiva; dessa vez, a pibidiana como escriba no quadro organizando as ideias dos alunos, ajudando-os a pensar sobre a escrita de algumas palavras e elementos do gênero textual em questão. Com a resenha pronta, levantamos uma provocação para os s alunos: “Como podemos fazer nossas resenhas chegarem em mais pessoas?” As respostas foram as mais variadas, como: cartazes, jornais, revistas, internet. Em meio a essas respostas, levamos a proposta de transformarmos nossa resenha já escrita em um vídeo para o *instagram* da escola. Usamos nossa resenha para transformá-la em um roteiro e realizamos nossa oficina de criação de vídeo. Os alunos decidiram o local para gravação e





reforçaram a finalidade do vídeo: indicar o livro que tínhamos lido. O uso de um editor de vídeo (Capcut) e a possibilidade de se gravar e reassistir suas gravações, com alguns alunos querendo regravar, demonstram a crescente autoria e autocrítica em relação a própria performance, como por exemplo como um aluno ao se ver no vídeo decidiu que queria gravar de novo pois não tinha gostado da forma que seu cabelo estava nem do tom de sua voz, se

esforçou para gravar novamente mesmo sendo tímido e essa reflexão sobre a própria imagem e fala é um ganho inestimável do projeto, alinhado à perspectiva emancipatória dos Multiletramentos (SANTOS, 2020).

Na mesma semana trabalhamos com o Livro “Os pombos” e após a leitura instigamos ao debate na roda de conversa sobre o tema abordado no livro: os moradores de rua e a exclusão social; conversamos sobre como se sentiriam no lugar dos “pombos”, como eles lidam com essa situação no dia-a-dia, se já presenciaram outros adultos lidando etc. Foi um momento muito bonito e humano perceber que as crianças sentiram a tristeza que os “pombos” carregavam e ao final propusemos que escrevessem um final alternativo para a obra. Em alguns deles os pombos são acolhidos.

Para encerrar a segunda semana, o livro “Folhas” foi entregue a cada aluno para uma leitura silenciosa. A escolha dessa forma de leitura deveu-se ao caráter provocativo da obra, que levanta muitas questões e convida o leitor a refletir. Assim, cada criança teve um momento de introspecção individual antes de escrever a sua própria resenha e, posteriormente, partilhar as suas percepções em roda de conversa.

Nossa oficina final se deu com um dia de produção de mapa mental em forma de cartaz sobre o gênero resenha, fomos à quadra, nos sentamos em roda e colocamos a mão na massa. Com a palavra “Resenha” como ponto de partida e palavra central, as crianças foram lembrando as características principais do gênero e as escrevendo em nosso mapa. Ao fim do projeto os alunos demonstraram um nível de compreensão do gênero mais que satisfatório.

No último dia do projeto trabalhamos com o livro “Procura-se lobo”. Dessa vez, propusemos que cada aluno escrevesse sua resenha individualmente. A revisão dessas produções foi feita por nós, com o apoio da professora regente, procurando não apenas corrigir os alunos, mas levá-los a refletir sobre suas próprias criações. As produções foram posteriormente





compartilhadas com outras turmas, com o objetivo de despertar em mais estudantes o interesse e o prazer pela leitura, tornando-os vozes ativas em sua comunidade e incentivando a expressão de suas opiniões por meio de uma escrita autêntica, desenvolvida ao longo de seus próprios processos.

Após as semanas dedicadas aos livros escolhidos por nós, levamos os alunos à biblioteca onde havíamos realizado uma pré-seleção de outras obras de qualidade, que foram deixadas à disposição deles. Na última semana, cada estudante pôde escolher seu próprio livro e, com o nosso auxílio e mediação, decidiu também a forma como faria a resenha. Esse momento foi muito especial: todos participaram com entusiasmo e demonstraram grande empolgação com a liberdade de criar. O resultado foi uma diversidade de produções, tivemos resenhas em vídeo, texto com apoio de desenhos, cartazes e outras formas criativas. Estas ações estão em diálogo com o que ressalta Loureiro (2020, p. 36), em *Multiletramentos na escola* sobre a importância de se trabalhar o gênero textual em sua diversidade e de integrar cada vez mais as tecnologias, de modo que a criança tenha a possibilidade de se expressar das mais variadas formas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fase inicial do projeto, marcada pela criação do álbum, nos mostrou o poder da ludicidade na criação do vínculo com a literatura. Ele não se restringiu apenas à criação de um material didático, mas se constituiu como um objeto que fomenta o desejo e a cultura, mobilizando os alunos a se tornarem leitores ativos. Utilizá-lo como dispositivo lúdico transformou um simples momento de leitura formal em um ato de prática social. Mesmo que os alunos tenham se empenhado em dados momentos pelo espírito competitivo, o uso de diferentes estratégias trouxe a adesão ao ato de ler, e apesar dessa motivação extrínseca, a necessidade de localização dos saberes para realização das atividades, exigiu a apropriação do texto, sendo esse movimento o primeiro passo para o letramento literário descrito por Cosson (2006).

A segunda etapa do projeto foi marcada pela transição não apenas de sua metodologia, mas também do aluno leitor para o aluno/autor crítico. As oficinas de resenha trouxeram à tona a capacidade dos alunos de se sentirem pertencentes à leitura literária e protagonistas de sua





própria história. A resenha é um gênero híbrido e socialmente relevante, que prepara o aluno para a comunicação e a crítica em esferas midiáticas (SANTOS, 2020), e a sua escolha para ser trabalhada no projeto permitiu que fosse possível o trabalho com os multiletramentos. As crianças ao produzirem suas próprias resenhas, assumiram o papel de influenciadores, dialogando com a cultura de compartilhamento de opiniões, e esse movimento reforça o

protagonismo dos estudantes, mostrando que a literatura quando trabalhada de forma significativa, é via de humanização e emancipação.

A construção do Álbum de figurinhas, especialmente nesse segundo momento do projeto, possibilitou que as crianças vivenciassem momentos e experiências que estimularam sua criatividade e imaginação, na mesma medida que as aproximaram da cultura escrita. O projeto demonstrou que as crianças são competentes produtoras de sentidos e conteúdo, bastando a mediação adequada e sua intencionalidade pedagógica que sempre foi garantir que a leitura e a escrita tivessem função social real, superando o mero exercício escolar. Essa dimensão foi evidenciada pelo destino final das produções dos alunos: as resenhas escritas voltaram para o Álbum de Figurinhas, unindo o lúdico ao reflexivo e conferindo um significado duradouro ao produto final do projeto.

Importante destacar também que na nova etapa do projeto os textos literários foram inseridos na sala de aula por meio de mediações intencionais realizadas pelas pibidianas, como apresentado por Souza e Scheffer em “Mediações de leitura literária na educação infantil: reflexões sobre tempos e espaços para a formação do leitor”. Após cada leitura, os alunos tinham um momento para expressar suas opiniões sobre o livro. Nós, pibidianas, incentivávamos a participação e apresentávamos as propostas da semana de forma aberta e dialogada, sem imposição de ideias. Essa postura promoveu o protagonismo dos alunos na construção das resenhas que, ao final, eram incorporadas ao álbum, tornando-o mais significativo.

Além disso, a potência da leitura literária em ir além do estético e penetrar na esfera ética e social foi evidenciada de maneira contundente durante todo o trabalho. A mediação do livro "Os Pombos", que recorria à metáfora dos moradores de rua como "pombos" e "sujeira da sociedade", gerou uma discussão intensa sobre a invisibilidade e o preconceito social. A





análise da metáfora pelos alunos, longe de ser um mero exercício de interpretação, tornou-se um ato de Letramento Crítico (COSSON, 2006). Ao confrontarem a desumanização retratada, as crianças demonstraram a função humanizadora da literatura defendida por Antonio Candido (1988), como se observa nas falas registradas; um aluno afirmou que: “eles não deveriam ser tratados dessa forma, isso é muito triste”, enquanto outro complementou que “as pessoas deveriam tratar eles, os moradores de rua, melhor”. A experiência estética permitiu aos alunos ampliarem sua capacidade de empatia, reconhecendo-se na dor do outro.

Essa mesma reflexão sobre o benefício mútuo e a alteridade foi estimulada na obra "A Árvore Generosa". Em conversa, eles disseram que “deixar o outro sozinho e tirar tudo dele não é legal”, trazendo ao texto sua função humanizadora na qual os estudantes puderam se colocar no lugar da árvore e refletir sobre os sentimentos de serem usados apenas para o benefício do outro.

O desenvolvimento do letramento crítico também foi estimulado pela análise de narrativas que subvertem expectativas, instigando os estudantes a questionar as motivações e as posturas dos personagens em livros como "Hoje não quero bananas" e "Procura-se Lobo" mostrando que a literatura pode questionar, ironizar e desconstruir, não apenas contar.

A escolha dos livros não foi aleatória, mas buscou intencionalmente diversificar os formatos e texto como no uso do livro sem palavras "Folhas", que trouxe à tona a potência da leitura de imagens, permitindo aos alunos experienciarem a leitura e a produção de sentidos sem o código verbal, essa exploração da multissemiose validou a abordagem dos Multiletramentos (SANTOS, 2020), ao demonstrar que a produção de sentidos se estende para além da escrita, superando a centralidade da linguagem verbal.

Por fim, obras como "O Convidado de Raposela" e "Coelho Mal" abriram espaço para discussões diretas sobre ética, relações sociais e aceitação da diferença, reforçando a capacidade da leitura literária de penetrar ativamente na esfera social e ética do sujeito e após a leitura dos livros perguntas como “O que você achou do final da história do Coelho Mal?” ou “O que você faria no lugar da Raposela?” mediaram e instigaram a reflexão dos alunos, alinhando – se aos pressupostos do letramento literário que visa a desnaturalização das mensagens e a formação de leitores críticos questionadores.





O verdadeiro motor da formação leitora foi a interação dialógica, elemento central do projeto. O debate não foi algo secundário, mas o mecanismo da práxis em sala de aula, essencial para a construção coletiva de sentidos (FREIRE, 1996). Após cada leitura, o momento de fala exclusivo dos alunos funcionou como um autêntico Círculo de Leitura (COSSON, 2014), permitindo que as diversas interpretações fossem legitimadas e debatidas. A leitura do livro

Os pombos, uma metáfora dos moradores de rua, por exemplo, gerou um debate intenso que confrontou a desumanização presente no texto e esse momento dialógico validou a dimensão política e humanizadora da literatura (CANDIDO, 1988), mostrando que o texto literário atuou como um espelho da realidade e um convite à mudança de postura.

Além disso, a capacidade dos alunos de questionarem a moralidade das ações dos personagens, como o das pessoas tratando os pombos, ou decifrando o que as imagens do livro “A árvore” queriam dizer, demonstrou que eles não apenas compreendiam o enredo, mas estavam avaliando-o a partir de seus próprios valores, atingindo, assim, o patamar do Letramento Crítico esperado pelo projeto.

Para além desse processo de formação crítica, foi gratificante perceber que, ao final do projeto, os alunos compreenderam o que é uma resenha e as diferentes possibilidades que esse gênero oferece. Além disso, passaram a se interessar não apenas pela própria produção, mas também pelas resenhas e livros escolhidos pelos colegas, fortalecendo o gosto pela leitura e o espírito de partilha entre eles, dirimindo assim a ideia da competição.

O projeto além de transformar os alunos, exigiu que tivéssemos constante autoavaliação da prática docente, materializando o conceito de práxis e a reformulação da ideia inicial do projeto, ao focar na motivação, indicou a necessidade de aprofundamento na crítica. Essa avaliação conduziu ao ajuste metodológico para a segunda etapa, o que valida o ciclo de ação - reflexão - ação docente como um exercício de práxis transformadora (FRANCO, 2005) reforçando o compromisso com as necessidades e potencialidades dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Álbum de Figurinhas” constituiu-se como uma experiência formativa rica tanto para as crianças quanto para nós, pibidianas envolvidas, configurando-se como uma





intervenção pedagógica de profundo impacto. Retomando suas duas etapas com a criação do álbum literário e, posteriormente, as oficinas de resenha, foi possível observar o encantamento e envolvimento dos alunos com a leitura literária e uma progressiva transformação das crianças com o letramento literário.

A ludicidade do álbum, inicialmente, despertou o interesse e o prazer pela leitura, aproximando as crianças dos livros e favorecendo o vínculo afetivo com a literatura. Já na segunda etapa, com a produção das resenhas, o projeto ganhou novos contornos, permitindo que os estudantes assumissem o papel de autores e críticos, ampliando sua autonomia e protagonismo nas práticas de leitura e escrita evidenciando as capacidades de análise e argumentação.

Ao longo do percurso, percebemos as (trans) formações das crianças. O entusiasmo em completar o álbum deu lugar a uma compreensão mais crítica e reflexiva sobre os textos lidos, evidenciando o desenvolvimento do letramento literário e o fortalecimento da oralidade, da escrita e da argumentação. O olhar atento e sensível das pibidianas possibilitou a mediação intencional das leituras, transformando momentos cotidianos em oportunidades de expressão, partilha e criação coletiva de sentidos.

O processo reafirmou a importância da autoavaliação constante do professor sobre sua própria prática, entendendo o fazer docente como um exercício de práxis, ação refletida, dialógica e transformadora. O fazer docente, neste contexto, revelou – se um ato de reflexão, escuta e adaptação, demandando constante replanejamento e sensibilidade para mediar as interações, sendo cada ajuste e momento de partilha construídos em um movimento dialógico e transformador, o que se torna essencial para um ensino comprometido com a formação leitora crítica.

Os resultados evidenciam que o trabalho significativo com a leitura não é restrito a decodificação da linguagem, mas atua como uma potente via de humanização e emancipação, pois ao oferecer esse espaço de expressão, o projeto permitiu que as crianças se reconhecessem como sujeitos ativos de linguagem e cultura. Fomentar e incentivar o consumo de literatura não deve ser apenas uma meta pedagógica, mas também um ato político e estético de ampliação dos horizontes de mundo.





Este projeto reitera que a literatura, quando vivida de forma sensível, participativa e contextualizada, tem o poder de educar, encantar e, sobretudo, construir cidadãos críticos e criativos e através dele esperamos que inspiremos intervenções que valorizem o potencial transformador dos alunos.

REFERÊNCIAS

CAZDEN et al. **Uma pedagogia dos multiletramentos. Desenhando futuros sociais.** (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto et al.). Belo Horizonte: LED, 2021.

LOUREIRO, Isabel Cristina Alves dos Santos. Blog nos anos iniciais. In: ROJO, Roxane (org.). **Multiletramentos na escola.** 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. p. 35.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa-ação.** Educação e pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p.438-502, set./dez. 2005.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação.** Educar Curitiba, n.16, p.181-191, 2000. Editora da UFPR

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e pesquisa, São Paulo, v.31, p.433-466, set./dez.2005.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006

CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura.** In: Vários Escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 19-32.

Correia Baptista, Mônica; Petrovitch, Camila; and Parreira Lara do Amaral, Mariana (2021) "**Livros de literatura para a primeira infância: a questão da qualidade,**" Revista Electrónica Leer, Escribir y Descubrir: Vol. 1: Iss. 8, Article 2.

